

DIMENSÕES DA MASCULINIDADE NO BRASIL

Marlise Míriam de Matos Almeida

Resumo: Este artigo traz como contribuição uma análise preliminar de um conjunto de questões levantadas em um projeto de pesquisa sobre masculinidade a ser desenvolvido em áreas urbanas no Rio de Janeiro. A pesquisa pretende analisar as questões contemporâneas que cercam a "masculinidade brasileira" no capitalismo tardio. A pesquisa também busca contribuir para com a metodologia das ciências sociais associando técnicas psicanalíticas à sua abordagem tradicional.

Palavras-chave: masculinidade; relações de gênero; sexualidade.

Este artigo está baseado em um projeto de pesquisa que foi desenvolvido para o Prodir III (Terceiro Programa sobre Direitos Reprodutivos na América Latina e Caribe) da Fundação Carlos Chagas, que, em sua última versão, procurou discutir o tema "Homens – Masculinidades". A pesquisa foi recém-iniciada, portanto se encontra ainda em andamento, e nela pretendo explorar algumas dimensões específicas da masculinidade brasileira que veremos a seguir. Meu ponto de partida é a visão das identidades de gênero como operando a partir daquilo que defini, em recente trabalho,¹ como transperformances de gênero. Baseada nesta conceitualização, enfatizei uma vertente dinâmica, transformadora (portanto, não estática, não permanente) para as identidades generificadas, inclusive as masculinas (mas não apenas estas). Adotando a posição de Judith Butler (1990, 1991, 1997), que faz a crítica do conceito de "sistema sexo-gênero" de Rubin (1975) e

mesmo do próprio conceito de gênero,² e adotando também a posição de Foucault que partiu de uma crítica genealógica da "matriz heterossexual" difundida privilegiadamente por uma versão específica da psicanálise, pretendo pensar, sobretudo, as identidades (mas também as culturas de gênero), como transperformances. Butler já destacou suficientemente bem que uma teorização ou descrição onde o "sexo", com o passar do tempo, venha a se transformar em "gênero", significa apenas um "construcionismo" de gênero com um *status* não-natural, que viria a definir outra importante universalidade: desta vez, a opressão cultural (e não mais apenas a biológica/natural).

Discutir as identidades de gênero – no caso desta pesquisa, as identidades masculinas de gênero, suas representações correlatas e aquilo que escapa a elas – a partir daquilo que defino por

GÊNERO

“transformativos de gênero” –, significa apontar para a possibilidade de redescrever os processos relacionais de gênero em termos de sua superfície política. Os gêneros são pensados aqui como “fabricações” inscritas na superfície dos corpos, balizados e atravessados por vetores múltiplos de forças que analisarei pelo menos a partir de quatro interfaces: a sexualidade, a afetividade, a corporalidade e a sociabilidade de gêneros masculinos.

O prefixo “trans”, acrescentado à posição inicial de Butler,³ remete, ao mesmo tempo, tanto ao aspecto dinâmico (de movimento, de fruição e de transformação) quanto ao ponto de vista de atravessamento e transversalidade de inúmeros vetores de forças que vão ser operadas para erigir ou definir uma posição identitária e identificatória de gênero. As transperformances de gênero reúnem dimensões múltiplas de forças que refletem as condições psicológicas e sociais que, por sua vez, constituem e regulam os corpos sexuados. Nas produções corporais e afetivas, residiriam uma certa “história sedimentada do performativo”: a partir de sua análise, podemos recuperar as múltiplas dimensões não apenas das “representações” da masculinidade (que definem um conjunto organizado de simbolismos e estereótipos negociados e construídos socialmente a partir de uma cultura fálica/tradicional de gênero conformando o que Connell recentemente – 1995, 1997 – cunhou como “masculinidade hegemônica”) como também outras inserções da masculinidade que “escapam” à armadilha da representação simbólica tradicional, podendo ser expressas através das transformações nos planos da sexualidade, dos afetos e do corpo (um plano inconsciente de gênero).

As inúmeras mudanças sociais ocorridas, especialmente nos últimos 30 anos no Brasil, revelam a acelerada modernização dos costumes e a emergência de novos códigos interpretativos de nossa dimensão identitária e cultural de gênero. Num emaranhado de discursos sobre multiplicidade e diferença que caracterizam nossa experiência de modernidade tardia, as categorias de mulher/homem, natureza/cultura, feminino/masculino vão, pouco a pouco, perdendo terreno em termos de seu poder explicativo. Todavia, vale a pena insistir que podemos observar ainda, na nossa cultura ocidental, o poder continuar se organizando hierarquicamente (e com alguma frequência binariamente): nem todos participam do tal jogo da diversidade “pós-moderna” de maneira livre e igualitária. Se pensarmos, então, num certo “modismo”, no que tange à diversidade no plano erótico-libidinal, esta questão ressurge ainda com muito maior vigor.

Mas o que ou quem está operando tais transformações? Como a nossa cultura está se “abrindo” para estas modificações? Como as *identidades masculinas* podem ser pensadas neste contexto novo de sociedade de massa, informatizada e “mediatizada”? As representações sobre a masculinidade também se transformaram? Como? Quais? Em quais direções?

Estas são apenas algumas questões relevantes possíveis de serem destacadas a respeito do tema e que poderão orientar a pesquisa. Ao analisar o que designei no trabalho de Doutorado⁴ por “alternativas de estabilidade conjugal” (parcerias homo e heteroeróticas estáveis), evidenciei algumas mudanças bastante significativas no sentido das opções de conjugalidade, bem como das “novas”

organizações/configurações da subjetividade (as alternativas identitárias de gênero) que, sem dúvida, estão compondo um novo quadro para os arranjos sociais de gênero. Estes “novos” arranjos incidiram particularmente sobre aquilo que Giddens (1990, p. 116) cunhou como sendo “a situação na qual a construção do eu se torna um projeto reflexivo”. Na modernidade, estaríamos vivenciando uma experiência de “volta para dentro”, retomando os desafios da subjetividade humana e colocando em evidência a necessidade de nos indagar sobre conceitos tais como o de “identidade”, seja esta de gênero, sexual ou social.

Esta pesquisa pretende estender e adicionar algumas reflexões importantes ao trabalho desenvolvido durante este doutoramento, agora, especificamente, sobre os eixos do erotismo masculino em suas duas facetas – homo e heteroerótica – e das possíveis representações das masculinidades brasileiras, acrescidas agora de uma análise comparativa entre duas camadas sociais distintas: médias e populares.

Procurarei estar atenta a esta dimensão das mudanças e transformações no que tange às possibilidades de se representar e pensar a masculinidade a partir especialmente de quatro vetores de forças (fortemente atuantes no contexto das transperformances identitárias de gênero masculinas):

1 o vetor da sexualidade e do erotismo: suas múltiplas práticas e representações eróticas e sexuais da masculinidade;

2 o vetor da afetividade ou da emocionalidade: elementos que possam configurar melhor a dimensão – seja sociológica, seja psicológica – das emoções e dos afetos vividos no masculino;

3 o vetor da corporalidade de gênero: práticas corporais ou também da construção de um “eu corporal” masculino e seu rebatimento para a esfera propriamente social;

4 o vetor da sociabilidade masculina de gênero: enfatizando, sobretudo, as representações de conjugalidade, de homosociabilidade e paternidade masculinas.

Estes quatro vetores compõem ao mesmo tempo dimensões representacionais (simbolismos, estereótipos, significados, valores e sentidos que podem ser particulares e também universais) e não-representacionais (energético-pulsionais, emocionais e libidinais, inconscientes e conscientes) da masculinidade, refletindo, mais uma vez, seu caráter contingente, localizado, situacional e histórico em contraposição à possibilidade de se pensá-la como algo fixo, determinado e universal.

Cabe salientar ainda que a postulação da transperformance identitária de gênero – seja ela masculina ou feminina – como categoria contingencial significa apontar, decisivamente, para a insegurança e a incerteza (sobretudo política) que organizam o dinamismo entre o coletivo e o psíquico, e, também, para a sua riqueza fragmentária, plural e heterogênea. Um pressuposto importante neste projeto de pesquisa é o de que não acredito que existam “verdades” definitivas, absolutas, transcendentais ou mesmo “essências” a serem reveladas sobre o sujeito masculino, pois ter um significado corresponde, apenas, a ocupar um lugar específico em algum jogo de linguagem. Neste sentido, toda “verdade” é criada por algum consenso e não descoberta. Assim, as identidades de gênero, no nosso caso, a identidade

masculina de gênero, são também criações atravessadas por dois níveis amplos: 1) pela autocriação da agência humana (o processo de chegar a se conhecer no confronto com a própria contingência e a possibilidade de inventar novas ou recriar metáforas e vocabulários sobre si); 2) pela criação/nomeação/interpelação do "outro"/cultura.

A pesquisa pretende analisar e compreender a masculinidade brasileira em condições de modernidade tardia, enfocando sua dinâmica urbana de classe média e de classe popular. O esforço comparativo entre classes se justifica para poder recobrir ainda mais a diversidade de representações e também de vetores de forças que apontem para a impossibilidade simbólica da representação de aspectos igualmente relevantes das masculinidades. Como já destacaram alguns autores – Velho (1985;1986), Salem (1987), Vaitsman (1994) e Duarte (1995),– as camadas médias se definem como os "portadores mais característicos da vertente psicologizante das ideologias individualistas" (VELHO, 1985, p. 171), além de um enorme "sincretismo [...] sempre passando pela crença na realização genuína de um indivíduo construído pela psicologização que tudo permeia" (VELHO, 1985, p.175).

Ou seja, além da posição estritamente econômica da inserção de classe, estas camadas priorizam as dimensões do privado, da intimidade, tendendo, supostamente, a desqualificar a dimensão pública da vida social como referência para a própria construção identifi catória e social.

Como contrapartida desta posição, concordaria mais com a análise de Costa (1986, 1996) que identificou na característica de "subjetivismo" das camadas mé-

dias, justamente, as condições político-econômicas que desestruturaram, a partir de 1970, no Brasil, a nuclearidade da família burguesa até então vigente e abriram o caminho para a evidência (também fortalecida pelos "movimentos de contracultura" das décadas de 60/70) de formas não-tradicionais de experiência tanto da identidade quanto da conjugalidade.

Com relação às camadas populares o que nos salta à vista, numa primeira visada, é o fato da abundância de dados quantitativos: os cientistas sociais se preocupam exaustivamente em escrutinar quantitativamente a pobreza, criando índices, taxas e fórmulas numa tentativa de compreender e explicar aquilo que tanto nos incomoda. Já as análises qualitativas das "classes populares" no Brasil se iniciaram muito cedo nos estudos socioantropológicos. Os clássicos de Gilberto Freyre (1933), Oliveira Vianna (1933), Sérgio Buarque de Holanda (1936) e de Antonio Candido (1951) sobre a família e o povo brasileiro trataram de inserir e discutir as camadas populares, cada um de seu ponto de vista. É nas áreas dos estudos sobre família, raça, gênero e religião que podemos situar a maior parte dos estudos qualitativos sobre classes populares. Mais recentemente, passando pelas análises antropológicas e sociológicas de Bilac (1978, 1983, 1991), Durham (1980), Roberto Da Matta (1979, 1987), Zaluar (1985), Duarte (1986), Sarti (1985), Castro (1989), estas camadas são quase sempre enfocadas do ponto de vista das representações sociais que as recuperam como os "outros", numa certa dinâmica da alteridade que incorpora várias dimensões de análise – reprodução, sexualidade, violência, carnaval, gênero, família, trabalho etc. Como mais

recentemente salientou Sarti (1995), duas dinâmicas operariam essa insistência em postular as camadas pobres como “outros”: 1) *a econômica*: operacionalizada pela identificação com os destituídos, que significaria restringir a existência à sobrevivência material e à força de trabalho como instrumento de identificação do pobre como sujeito social (de inspiração marxista), e 2) *a cultura autônoma das classes trabalhadoras*: que se contrapõe à vertente anterior, destacando a autonomia própria à cultura e ao imaginário populares.

Estas duas vertentes explicativas se chocam e em estudos mais recentes tende-se a pensar na possibilidade até de uma revalorização das “práticas” populares, em detrimento de suas “determinações estruturais”. Se os estudos e pesquisas sobre as masculinidades já são relativamente escassos, estudos que tratem da masculinidade – ou das identidades de gênero masculinas – em camadas populares são praticamente inexistentes (até onde pude, no momento, investigar). A proposta desta pesquisa, então, justifica-se ainda mais no presente quadro.

Outro ponto que acredito possa também vir a contribuir para os estudos na área das ciências sociais, agora do ponto de vista de uma articulação metodológica, é o diálogo proposto aqui com a psicanálise. A estratégia metodológica deste projeto de pesquisa se baseia em *entrevistas individuais em profundidade* que levem em consideração aquilo que designei por “temporalidade transferencial”. Maria Isabel Mendes de Almeida (1995) iniciou esta proposta entre nós, e na referida tese de doutoramento procurei desenvolvê-la, priorizando a experiência relacional e

inter-subjetiva desenvolvida e explorada como instrumento metodológico entre mim e meus informantes. Pretendo recorrer ao processo de “transferência”, sempre presente nos laços e vínculos humanos, como recurso poderoso para obter acesso a dimensões não-objetivas, não-imediatas, não-explicitas do objeto que me propus analisar.

A dimensão do vivido e do relacional entre o entrevistador e o informante como passível de ser fonte ilustradora e iluminadora de um material humano que, por outras estratégias metodológicas, passa despercebido. Procurando estar atenta às mudanças sintáticas, às associações livres, aos lapsos, às elisões, às alterações e revoluções nos tempos verbais, aos comportamentos corporais, às demonstrações afetivas etc., pretendo recortar uma esfera de achados interpretativos (transferenciais e contratransferenciais) que serão amplamente explorados na análise qualitativa. Trata-se de privilegiar a experiência daquilo que os psicólogos e psicanalistas definem como um *rapport* entre entrevistado e entrevistador que oferece condições favoráveis para a maior liberdade e segurança emocional possíveis, dentro das referências e do enquadramento dinâmico (*setting*) da entrevista. Através desta estratégia, é possível evidenciar a abertura de *fóruns* de leitura interiores, irreduzíveis à singularidade do sentido, que se incumbem de transformar estruturas, modificar ou revelar padrões de sociabilidade, impondo-nos novas formas plásticas de aventurar-se no encontro com o outro.

Pretendo procurar, nas fraturas e fissuras daquilo que me será dito e demonstrado, pontos que possam me “afetar” (no sentido de uma tomada pelos

afetos) e que considero tão relevantes para a análise que pretendo quanto os aspectos mais claros e explícitos da masculinidade. Serão entrevistados, pelo menos, 20 homens assim distribuídos:

	Classe Média	Classe Popular	Total
Homoerótico	5	5	10
Heteroerótico	5	5	10
	10	10	20

Em sendo esta uma proposta pouco ortodoxa, seja para a área das investigações nas ciências sociais, seja dentro do escopo da própria teoria e clínica psicanalíticas, pretendo designar inicialmente este esforço por “entrevistas transferenciais” na ausência ainda de uma designação mais formalmente estabelecida.

Segundo Kandel, (1982, p. 171, grifo nosso)

já há algum tempo, dois sociólogos americanos (Benney e Hughes, 1956) observaram que a entrevista poderia ser não apenas um instrumento privilegiado para os sociólogos mas também um objeto de investigação e de estudo privilegiado. Viam nela, além de um simples instrumento de pesquisa, *um modo original de interação, significativo talvez, de tipos novos e importantes de relações – entre indivíduos, entre grupos – produzidos pelas sociedades modernas.*

É neste sentido também que estou propondo investigar a possibilidade de um tipo de intervenção metodológica ancorado numa forma *moderna* de entrevista que leve em consideração alguns aspectos relevantes do processo de transferência e contratransferência que pretendo apresentar e discutir a seguir.

Baseada neste recorte, gostaria de levantar pelo menos quatro pontos:

1 o processo de transferência emocional/cognitivo (consciente e/ou inconsciente) entre duas pessoas não é algo inédito, original, criado artificialmente pela análise, mas é “um fenômeno universal da mente humana” que coube à genialidade de Freud destacar e circunscrever, a partir de objetivos terapêuticos específicos, para o *setting* analítico;

2 o uso da transferência na técnica psicanalítica é balizado por uma atitude irrestritamente ética: o uso da transferência como instrumento de sugestionabilidade do paciente é limitado pelo interesse terapêutico de “cura” do paciente, e o “trabalho psíquico” empreendido nesta direção é elaborado pelo próprio paciente com vistas a modificar seu quadro emocional;

3 a transferência coloca em xeque a rememoração e reexperimentação de enquadramentos emocionais e cognitivos organizados e constituídos antes do próprio processo da análise, portanto, apresenta-se como um potente instrumento de captura no presente de emoções, afetos e conhecimentos que se atualizam, mas se referem, em verdade, a outros episódios e outras circunstâncias da vida dos pacientes e que são fundamentais para o avançar do procedimento analítico;

4 a transferência não é o único ponto de apoio da técnica psicanalítica: junto a ela são necessárias, ainda, uma estratégia hermenêutica de entendimento do outro, aliada a uma escuta potencialmente libertadora e a um método de falar que deverá provir do próprio paciente – a associação livre. Estes três instrumentos – o manejo da transferência, a escuta analítica e a associação livre do paciente – compõem o enquadramento mais am-

plo da técnica psicanalítica (FREUD, 1912, 1917a, 1917b, 1925).

Desta forma, aquilo que estou pretendendo organizar como forma técnica de intervenção metodológica nesta pesquisa pretende estar circunscrito e delimitado ao “manejo técnico” da transferência *apenas* no sentido investigativo e não terapêutico. Esta estratégia, a meu ver, propicia, como poucas, a possibilidade de se apreender e se dar conta de sistemas de valores, de normas, de representações, de símbolos e afetos próprios às masculinidades, cujo tema é o eixo central desta pesquisa.

Assim, é possível pensar que a *situação de entrevista* é um momento interativo particular onde existe, logo de saída e sempre, uma *assimetria* provocada pela própria estrutura deste “encontro” social. Trata-se de trocas simbólicas e afetivas, é bem verdade, mas estas se configuram num cenário em determinadas condições onde, definitivamente, não há uma igualdade entre aquele que pergunta e aquele que responde. Existem muitas desigualdades perpassando este momento peculiar – desde diferenças atinentes ao capital cultural e simbólico que cada um dos envolvidos é capaz de acionar, passando pelo gênero, raça e idade dos mesmos, até o direito à posse da palavra que é claramente assimétrico.

Este tipo de abordagem metodológica – uma situação de “entrevista transferencial” – se articula perfeitamente bem com o referencial teórico adotado para pensar a dimensão de gênero: o *das transperformances de gênero*. Esta oferece a oportunidade para o encontro e a análise de muitas das disposições subjetivas e sociais que me interessam a respeito das masculinidades homo e

heteroeróticas. A entrevista é um momento *performático* da experiência de gênero a dois, onde entrevistador e entrevistado encenam, atuam, o tempo todo (atravessados por conteúdos que vão da total consciência ao inconsciente), afetos, emoções, conhecimentos, valores, situações, predisposições, comportamentos, disposições para a ação etc. que me interessam sobremaneira. Não se trata de propor uma situação de “neutralidade”, de “não-diretividade” ou “não-interferência”; pelo contrário, trata-se de, reconhecendo a impossibilidade de uma postura verdadeiramente neutra na situação de entrevista, não se deixar aprisionar ou enredar pelo desconhecimento potencial da dimensão transferencial que toda situação de entrevista comporta. Trata-se de enfrentar a transferência, desmistificá-la, colocá-la para operar a nosso favor como pesquisadores e não contra ou apesar de nós.

Em outro momento, ao término das análises destas *entrevistas transferenciais*, terei a oportunidade de oferecer as informações finais e os resultados colhidos ao longo deste projeto de trabalho. Tenho certeza de que estes “resultados” poderão emoldurar melhor nosso conhecimento na direção das masculinidades brasileiras, podendo, inclusive, contribuir com os propósitos de desenhar políticas e programas específicos que visem a recolocar as questões da reprodução, da paternidade, das práticas sexuais etc. sob uma óptica que complexifica as forças incumbidas de moldar nossa vida sexual, afetiva e social generificadas. Sabemos todos que primeiro é fundamental conhecer para que possamos de forma e(a)fetiva e eficaz tratar/cuidar e conviver com maiores níveis de dignidade, equanimidade e respeito mútuos.

Notas

1 Tese de Doutorado em Sociologia, IUPERJ, outubro de 1998.

2 Para Butler, ainda que se considere o gênero um conceito que aponta para a construção social sobre o sexo, este acabaria por apontar muito mais para a “transformação cultural de uma polisssexualidade biológica em heterossexualidade compulsória, de forma que a heterossexualidade seleccione e hierarquize as identidades de gênero para o alcance de seus objetivos” (1990, p. 75, tradução minha).

3 É importante também que reconheçamos que muito antes de Butler teorizar sobre a

identidade de gênero como uma *performance*, enquanto a “história pessoal/cultural dos significados recebidos e submetidos a um conjunto de práticas imitativas que se referem, lateralmente, a outras imitações que conjuntamente constroem a ilusão de um eu generificado primário e interiorizado, ou mesmo a paródia do mecanismo desta construção” (1990, p. 138, tradução minha), a corrente sociológica do Interacionismo Simbólico (especialmente Mead e Goffman), já havia proposto a idéia da *performance* como uma referência importante para pensarmos a identidade social.

4 Ver nota 1.

Abstract. This article brings a preliminary analysis of some concepts used in a research project about masculinity to be carried out in urban Rio de Janeiro city areas. The research intends to analyze the contemporary issues surrounding the late capitalism “Brazilian masculinity”. The research also seeks to contribute to the social sciences methodological body of knowledge by articulating its traditional approaches with the psychoanalytical techniques.

Key-words: masculinity; gender relations; sexuality

Referências

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. *Masculino/feminino: tensão insolúvel, sociedade brasileira e organização da subjetividade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ALMEIDA, Marlise Míriam de Matos. *Mito e cidadania: uma perspectiva de gênero*. Niterói, 1995. Trabalho apresentado no Encontro com a Sociologia, Niterói, 1995.

_____. *Modernidade, reflexividade, linguagem e cultura: os novos arranjos de gênero como*

desafios da virada do século. Brasília, DF; Sociedade Brasileira de Sociologia, 1997. Artigo apresentado no GT: As Ciências Sociais e as relações/enfoque de gênero.

_____. *Pierre Bourdieu e o gênero: possibilidades e críticas*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997. (Série Estudos, 94)

_____. *A psicanálise e a mulher: feminino plural*. 1993. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

- ALMEIDA, Marlise Míriam de Matos; LO BIANCO, A. C. Articulações Psicanálise/feminismo: dificuldades e novas perspectivas. In: AGUIAR, N. *Gênero e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- AQUILINO, W. S. Spouse Presence During the Interview on Survey responses Concerning Marriage. *Public Opinion Quarterly*, no. 57, p. 358-376, 1993.
- BENNEY, M.; HUHGES, E.C. Of Sociology and the Interview. *American Journal of Sociology*, no. 62, p. 137-142, 1956.
- _____; RIESMAN, D.; STAR, S. A. Age and sex in interview. *American Journal of Sociology*, no. 61, p. 143-152, 1956.
- BILAC, E. D. Convergências e divergências nas estruturas familiares no Brasil. *Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 70-94, 1991.
- _____. *Família e trabalho feminino*: a ideologia e as práticas familiares de um grupo de trabalhadores manuais de uma cidade do interior paulista. 1983. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.
- _____. *Famílias de trabalhadores*: estratégias de sobrevivência. São Paulo: Símbolo, 1978.
- BOECHAT, W. *O masculino em questão*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRUSCHINI, Cristina. *Mulher e trabalho*: uma avaliação da década-1975/1985. São Paulo: Nobel: Conselho da Condição Feminina, 1985.
- BRACONNIER, A. *Le sexe des émotions*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1996.
- BRENNAN, T. *Para além do falo*: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- _____. *The interpretation of the flesh*: Freud and femininity. London: Routledge, 1992.
- BUTLER, J. *Bodies that matter*: on the discursive limits of "Sex". New York: Routledge, 1993.
- _____. *Excitable speech*: a politics of the performative. New York: Routledge, 1997.
- _____. *Gender Trouble*: feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.
- _____. *Imitation and gender insubordination, in inside/out*: Lesbian Theories, Gay Theories. New York: Routledge, 1991.
- _____; SCOTT, J. (Ed.). *Feminists theorize the political*. New York: Routledge, 1992.
- CANDIDO, Antonio. The brazilian family. In: SMITH, L.; MARCHANT, A. (Ed.). *Brazil*: portrait of half a continent. New York: Dryden, 1951. p. 291-312.
- CASTRO, Mary Garcia. *Family, gender and work*: the case of female heads of households in Brazil (States of São Paulo and Bahia). [s.d.]. PHD (Dissertation) – Sociology Department, University of Florida. [s.d.]. Mimeografado.
- COELHO DOS SANTOS, Tânia. Representações do masculino nas revistas femininas e suas relações com a psicanálise. In: _____. *Freud, 50 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1989.

- COELHO DOS SANTOS, Tânia. *Subjetividade e difusão da Psicanálise: uma discussão da cultura psicanalítica*. 1990. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.
- CONNEL, Robert W. *Masculinities*. Los Angeles: University of California Press, 1995.
- _____. *La Organización Social de la Masculinidad*. Santiago: Ediciones de Las Mujeres, 1995. (ISIS International, n. 24).
- COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- COSTA, J. F. *A Inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- _____. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. O referente da identidade homossexual. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (Org.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. A família como valor: considerações não familiares sobre a família brasileira. In: ALMEIDA, Angela M. et al. *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRRJ, 1987. p.115-136.
- DUARTE, Luis Fernando Dias. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.
- _____. *Muita vergonha, pouca vergonha: sexo e moralidade entre classes trabalhadoras urbanas*. Trabalho no IV Encontro Nacional da ABEP, 4., Águas de São Pedro, em 1984. Mimeografado.
- DURHAM, E. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- FOUCAULT, M. *Foucault live: interviews, 1961-1984*. New York: Semiotext(e), 1996b.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, [1984].
- _____. *A história da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. *A história da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1996a.
- FOWLER, F.J. *Improving Survey Questions: Design and Evaluation*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1995.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.
- _____. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1951.
- FREUD, Sigmund. Conferência XXVII - Transferência. *ESB*, v. XVI, 1917.
- _____. Conferência XXVIII - Terapia Analítica. *ESB*, v. XVI, 1917.
- _____. A dinâmica da transferência, *ESB*, v. XII, 1912.
- FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico. *ESB*, v. XX, 1925.

- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1990.
- _____. *As transformações da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GRAÑA, R.B.(Org.). *Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- HARAWAY, D. Situated Knowledges: the science question uin feminism and privilege of partial perspective. *Feminist Studies*, v. 14, no. 3, 1988.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 4. ed. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 1963.
- HYMAN, H.H. *Interviewing in Social Research*. Chicago: University of Chicago Press, 1954.
- KANDEL, Liliane. Reflexões sobre o uso da entrevista, especialmente não-diretiva, e sobre as pesquisas de opinião. In: THIVOLLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1982. p. 169-189.
- KANE, E.; MACAULAY, L. Interviewer Gender and Gender Attitudes. *Public Opinion Quaterly*, no. 57, p. 1-28, 1993.
- KATZ, D. Do Interviewers Bias Poll Results? *Public Opinion Quaterly*, no. 6, p. 248-268, 1942.
- KEHL, M. R. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LENSKI, G.E.; LEGGEST, J.C. Caste, Class and Deference Research Interview. *American Journal of Sociology*, no. 65, p. 463-467, 1960.
- MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em Sociologia. In: THIVOLLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1982. p. 191-211.
- PAGÉS, M. *L'Orientation non-directive en psychotherapie et en psychologie sociale*. Paris: Dunod, 1965.
- PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (Org.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- RAY, John J. Reviving the Problem of Acquiescent Response Bias. *The Journal of Social Psychology*, no. 121, p. 81-89, 1991.
- RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. T. *A família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- ROGERS, C.R. The Non-directive Method as a Tecnique of Social Research. *American Journal of Sociology*, v. 50, no. 4, p. 279-283, 1945.
- RUBIN, G. The traffic in women. In: REITER, R. (Ed.). *Toward na Anthropology of women*. New York: Monthly Review Press, 1975.
- SADER, Eder; PAOLI, M. Célia Sobre as "classes populares" no pensamento sociológico brasileiro (notas de leitura sobre acontecimentos recentes). In: CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 36-67.
- SALEM, Tânia. Mulheres faveladas: com a venda nos olhos. *Perspectivas antropológicas da Mulher*, Rio de Janeiro, n.1, p. 49-99, [s.d.].
- SALEM, Tânia. Famílias em camadas médias, uma Perspectiva Antropológica. *BIB*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 25-40, 1 sem.
- SARTI, Cynthia. O valor da família para os pobres. In: RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. T.

GÊNERO

A família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

SCHUMAN, H.; PRESSER, S. *Questions and Answers in Attitude Surveys.* New York: Academic Press, Sage Publications, 1981.

SUDMAN, S.; BRADBURN, N. M.; SCWARZ, N. *Thinking About Answers: the application of Cognitive Processes to survey methodology.* San Francisco: Jossey-Bass, 1996.

SPENCER, C. *Homossexualidade: uma história.* Rio de Janeiro: Record, 1995.

TANUR, Judith M. *Questions about questions: inquiries into the cognitive bases of surveys.* New York : Russel Sage Publications, 1992.

THIOLLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária,* São Paulo: Polis, 1982.

VAISTMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas.* Rio de Janeiro: Rocco, 1994

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 1986.

VIANNA, Oliveira. *Evolução do povo brasileiro.* São Paulo: Ed. Nacional, 1933.

WILLIAMS, J. A. Interviewer Respondent Interactions: a study of Bias in the Information Interview. *Sociometry*, no. 27, p. 338-352, 1964.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.* São Paulo: Brasiliense, 1985.